

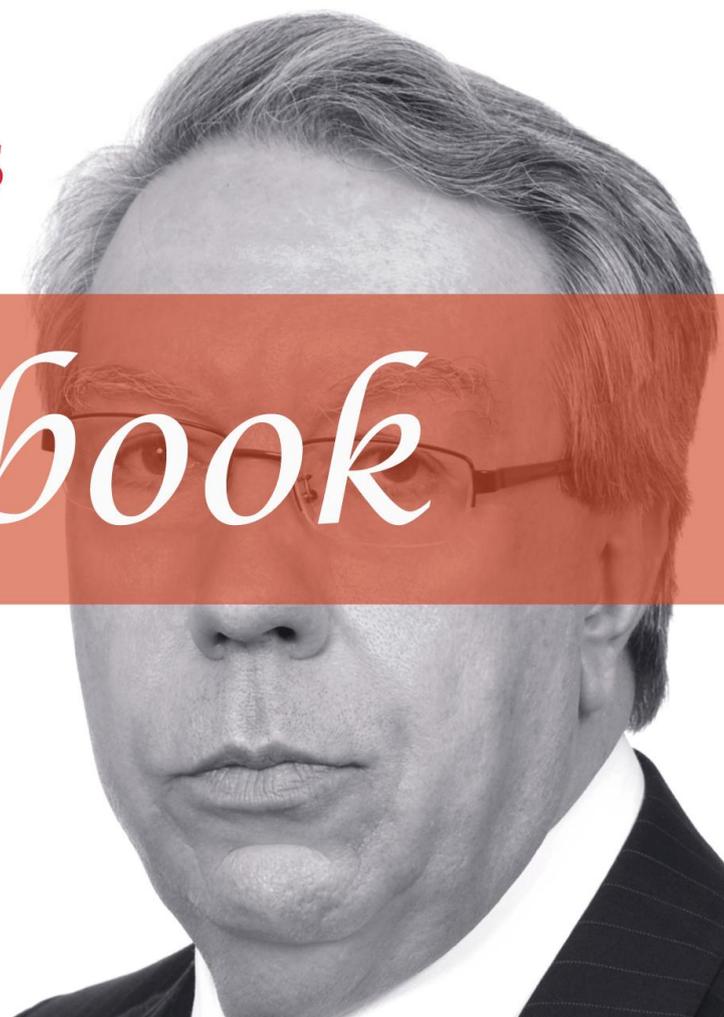
Entrevistas com Hélio Couto

Volume 3

Religiões

e-book

Hélio Couto
Canalização



Série de Entrevistas com HÉLIO COUTO – Volume 3

RELIGIÕES

Entrevista Canalizada: Professor Hélio Couto e Osho

Entrevistadora: Mabel Cristina Dias

Mabel: Olá. Vamos prosseguir, hoje, com a série “Entrevistas” com o professor Hélio Couto. O tema é **Religiões**.

Professor Hélio Couto, por que existem as religiões?

Prof. Hélio: As religiões existem porque há uma necessidade fundamental no ser humano de ter contato com o Criador, com a Divindade. Então, isto é inerente ao ser humano. Daí a se institucionalizar esta necessidade emocional, espiritual, psicológica, existe uma distância enorme. E é, em decorrência desta institucionalização, que surgem todas as distorções. É preciso então repensar tudo. Ao longo dos próximos milênios, isto será totalmente revisto. Porque é realmente lastimável que, ainda hoje, tenhamos, pelo planeta, religiões que atacam, assassinam, estupram os seus semelhantes, etc. em nome de Deus. Então, isto não pode, de forma alguma, continuar.

Mabel: E por que é tão fácil criar uma religião?

Prof. Hélio: Veja bem. Nós temos dois casos recentes nas ilhas do Pacífico Sul. Durante a Segunda Guerra Mundial, os americanos usaram várias ilhas daquela região como base militar. Algumas delas ainda eram habitadas por indígenas que, praticamente, nunca haviam visto um branco antes. Assim, quando os americanos lá desembarcaram, estes nativos entenderam que aqueles, pela tecnologia que tinham, eram deuses. Até hoje, lá eles cultuam um deus cujo nome é o mesmo de um daqueles militares americanos que desembarcaram naquelas ilhas para montar uma base. Ou seja, bastou chegar alguém cuja tecnologia avançada e desconhecida daquela população fora suficiente para que esta população acreditasse estar diante de deuses e, imediatamente, lhes criasse um culto que existe até hoje. Esse é um caso. Temos ainda o outro caso, o de um antropólogo que também foi à outra ilha do Pacífico Sul fazer uma pesquisa sobre como os habitantes locais reagiriam às informações ou às coisas do Ocidente, tais como televisão, cinema, essas coisas. Então, ele exibiu alguns filmes da série **Rambo**, do Sylvester Stallone. Qual foi o resultado? Agora Rambo é um deus cultuado nessa

ilha. Este resultado corrobora muito com a questão dos filmes *Star Wars*, nos quais George Lucas criou o conceito da força da religião *Jedi*. Tal força pode ser comprovada pelo exemplo de um censo recente na Austrália, no qual setenta mil pessoas declararam que têm a religião *Jedi*. Inclusive, há algum tempo, quando a Segunda Trilogia *Star Wars* foi lançada no Brasil, dois atores vestiram-se de Mestre *Jedi* e foram até a Praça da Sé pregar; pregavam a religião *Jedi* e, claro, estavam arrecadando fundos para esta nova religião, e muita gente doou dinheiro. Então, existe uma necessidade intrínseca de acreditar em algo, de pedir ajuda. Já que não entendo como funciona o Universo, então, preciso aplacar os deuses, fazendo-lhes ofertas para que fiquem calmos e eu lhes peça coisas benevolentes, tais como a chuva, afastar a seca e etc., etc., e, assim, deixa-se de lado completamente o contato direto com a Divindade. Como é que, tendo em vista que tudo isto que nós estamos relatando são fatos, as pessoas podem separar uma coisa da outra? É evidente que uma pessoa do Ocidente dará risada – já deve ter dado risada – “Nossa, que coisa absurda! Há um povo no Pacífico que adora um deus Rambo; e ainda há outro povo que adora um deus que foi um militar americano que desembarcou lá em mil, novecentos e...”. Quer dizer, como é que se separa isto das centenas de religiões que há no planeta Terra? Centenas, porque, só uma denominação, possui tantas subdivisões que, até o quanto pesquisei, já passavam de trezentas e quatro. Como é que se separa, conforme diz o dito popular, o “joio do trigo”? Ou seja, como é que se separa religião destes absurdos? O que é que é válido? Por que a sua religião é válida e aquela do Rambo não é? Qual a diferença? Um seguidor da religião Rambo acredita nela piamente, da mesma maneira que o outro, lá no Alasca, acredita na religião dele. E daí? Como que vamos saber? “Ah, a religião do Rambo é falsa; essa não existe. Então, esqueça.” Ora, fale desta forma lá para o habitante dessas ilhas e veja como é que ele reage. Chegue lá e fale “Gente, essa história aqui do Rambo é a maior bobagem possível. Isso aí não é deus; isso é um personagem de cinema.” Dependendo do humor deles no dia, você pode até ser, literalmente, morto; antigamente, era queimado, mas lá, eu acho que vão fazer de outro jeito. Então, em todo o planeta, a problemática é sempre a mesma. Vem alguém, às vezes nem precisa vir alguém, desembarca, por exemplo, de um helicóptero numa ilha, e um povo que não entende como funciona tal aparelho, que nunca o vira antes, acha que os deuses desceram dos céus. Alguém se lembra dos relatos da história do que os astecas e incas achavam quando Cortés Pizarro chegou aqui na América? Eles achavam que, aquele sujeito loiro, branco, era o deus que tinha voltado. Cortés foi cultuado como um deus até que esse suposto deus começou a matar todo mundo, a estuprar; foi então que descobriam, mas tarde demais, que aquilo não era um deus; era um mero ser humano, igual a eles. Sobre este caso específico há também um artigo que diz que no México, os astecas, os toltecas, etc., foram muito ingênuos em considerar que os espanhóis que estavam desembarcando eram deuses. Por quê? Porque poderiam, pelo menos, ter desconfiado de que aqueles que estavam ali

desembarcando eram humanos, uma vez que os toltecas já conheciam a si mesmos. Desta forma, o povo indígena, digamos assim, que vivia naquela época e já conhecendo a si mesmo, diante de uma autoanálise do tipo: “como é que nós somos?” “que crueldades somos capazes de fazer?” deveriam “ficar de cabelos em pé” no momento que viram aquelas naves descenderem ali, com mil e quinhentos soldados cada uma. Então, é complicada essa coisa de “o que é que...? qual religião está certa ou qual está errada?” Esses indígenas fariam que a deles está certa e a sua é que é uma aberração. Como separar o joio do trigo? É fácil. Se cada pessoa procurasse ter e mantiver contato direto com a Divindade, contato direto mesmo, sem nenhum intermediário, ela saberia o que é verdade, o que não é verdade. É fácil. A única maneira é a experiência própria; é cada um estabelecer o próprio contato. E como é que se estabelece tal contato? Basta voltar-se para dentro de si mesmo. Qualquer técnica de meditação levará a estabelecer este contato. É só uma questão de aprofundamento, de baixar a frequência cerebral, isso depois de certo tempo torna-se automático. Por que é tão fácil fazer isso? Porque é sabido que dentro de cada pessoa, na última instância, está a Centelha Divina. Não é uma coisa que está fora; está dentro de cada um. Basta cada um olhar para dentro de si e entrará em contato com ela. Assim, é facilímo estabelecer contato com o Criador. Não existe nenhuma dificuldade para fazer isso. Portanto, não há necessidade alguma de intermediário e fica muito fácil saber quem é o que nessa história toda. Como é que, nós ocidentais, vamos falar “Essa religião lá do ‘Rambo’ está errada” ou “É uma bobagem isso aí”? Com que autoridade vamos falar um negócio desses? “Achômetro”? É pelo simples fato de nós acharmos? Não são eles contra nós e nós contra eles? Estamos certos e eles estão errados? Por princípio, se não é por nós, é contra nós? É igual aos *Sith* do *Star Wars*, não é verdade? Então, isso é de um radicalismo absurdo. Como é que alguém pode declarar a si mesmo como certo e o outro como errado? Isto não pode existir, pois é a coisa mais barbárica que se pode ter. Portanto, é muito fácil resolver tal questão. Caso contrário, cairemos na seguinte situação: se acredito que a minha religião é a que está certa; então eu vou segui-la porque alguém veio e falou “Você tem que fazer assim, assim, assim.”. Então sigo e cometo as maiores barbaridades em função disso, porque a minha é que está certa. E o outro que pensa diferente, também não tem igual direito de fazer o mesmo com o que acredita ser o certo? Também não tem contato com a Centelha Divina dele? Não vai achar a mesma coisa e, preventivamente, não deveria me atacar primeiro – a mim e aos que pensam como eu –, ou somos nós que devemos atacá-lo primeiro? Se ele vai cometer o mesmo erro que nós estamos cometendo, porque ele não vê a Centelha Divina, ele não sente isso, e nós também não sentimos. Então virará o que? Poder, território e materialismo, como sempre. Assim sendo, a única maneira é entrar em contato direto com a Divindade e é através do olhar para dentro de si mesmo; lá está a verdade, com certeza absoluta.

Mabel: É dessa forma que nós podemos saber se uma revelação é Divina ou não, fazendo a experiência, tendo contato pessoal? Como distinguir alguma coisa falsa de uma verdadeira?

Prof. Hélio: Pelo bem-estar que ela produz. A árvore é conhecida pelos frutos. Se uma orientação, uma técnica, uma filosofia, uma religião, propõe algo e esse algo é construtivo, promove alegria, bem-estar, felicidade, crescimento, todo tipo de coisas boas, é verdade; é lógico que aquilo é verdadeiro, só acrescenta. Se qualquer ensinamento seguido gerar sofrimento, dor, destruição, morte, miséria, pobreza, tristeza e doença, é óbvio que está errado. Então, é muito fácil distinguir o que funciona, o que está certo do que está errado. Não há como fugir desta conclusão. Porque, senão, se nós invertermos essa equação, como é que fica? Tudo que gera o mal, que o cria, está certo? Se assim for, qual é e quem é este Deus? Pois, por definição, supõe-se que Deus é uma entidade boa, o Bem, a Misericórdia, a Bondade, a Sabedoria, etc. Desta forma, tudo que Ele promove, que Ele prega, que Ele manda fazer e etc., deve promover o bem geral. Não o bem de meia dúzia. Mas temos a tribo lá do Pacífico Sul que cultua o deus Rambo. É claro que aqueles habitantes acharão que o deus deles é muito bom se fizer coisas boas para esta ilha, para esta tribo. Se este deus prejudicar o restante do planeta não há problema nenhum, conquanto que seja bom para eles. Então, temos por aí vários deuses, pois haverá o deus da outra ilha, e da outra ilha, e assim por diante. E cada um desses deuses “puxando a brasa para a sua sardinha”, quer dizer, para o seu povo, para o povo que o cultua. Bom, isso já persiste há quantos milênios? E sabemos a batalha que tem sido através dos milênios e que ainda continua para se entender o monoteísmo, ou seja, para se entender que há um único Criador no Universo inteiro, um único. Desse modo, este tipo de raciocínio que cria deuses como o deus Rambo, o deus americano, o deus disso, o deus daquilo, é totalmente absurdo. E nós, os ocidentais, os orientais, etc., não estamos na mesma situação? E como é que podemos falar “O nosso deus está certo e o deus deles está errado”? Com que critérios vamos poder avaliar o deus deles ou o nosso? “É pelo fruto que se conhece a árvore”. Por definição, Deus é bom. Então, Ele precisa fazer o bem pra todos, porque, caso contrário, sempre vamos ter os deuses particulares. Um deus que faz mal para os outros não é um deus geral, global, universal, não pode ser o único, porque, se fosse o único, faria o bem para todos. Ele não pode falar a você “Vá lá e mate o outro, pois ele não me cultua.” Esse é um deus particular, personalizado, de tribo. Então, ou se cultua a Divindade real, ou então se pode criar deuses ao bel-prazer. Até personagens de filmes poderão ser transformados em deuses. Que diferença há entre um livro e um filme, digamos assim? Há milhares de anos não havia filmes; assim, a “revelação” era traduzida por meio do papel. Então, leva-se o papel e: “Está aqui”, pronto, cria-se mais um deus? Os indígenas lá do Pacífico aceitaram a revelação através de um filme; ora, vá lá e passe um DVD. Qual a diferença? Por que o DVD seria inválido e o papel, real? Ou precisa ser

um papiro de cinco mil anos atrás, bem velhinho? Nesse caso há mais validade do que se aparecer uma revelação em DVD, em *blu-ray*? Qual a diferença? Por serem estes últimos mais modernos? E daí? É possível notar que, se formos por esta linha de raciocínio, será absurdo atrás de absurdo. E, por conseguinte, será o seu deus contra o deus deles, e o deles contra o seu. Portanto, é necessário muito cuidado com este tipo de raciocínio, pois ele só levará ao que tem levado até agora: à morte e à destruição. Não há outra conclusão a se chegar diante de tal absurdo. Um deus que, para proteger os seus seguidores, promove a destruição dos demais seres, não pode ser “O”, “O Deus”, porque, se assim for, em que situação haveremos de estar? Concluindo que Deus é mau? Mas que tipo de Deus é esse? Um Deus que promove morticínio? É preciso refletir aonde essa situação vai chegar? – uma vez que se Deus for mau, se Ele não distinguir o bem e o mal, como é que nós ficaremos? Nesse caso, estaremos em uma situação um tanto quanto complicada, não é mesmo? Pois como é que vamos nos relacionar com um deus instável, que poderá amanhecer de mau humor, e não será possível prever o que ele fará com a gente? Vamos pedir ajuda para que ele nos proteja e dele mesmo? Impossível. Estaremos diante de algo muito complicado. Teremos sempre que negociar com ele; teremos que estar sempre ofertando algo que o agrade para tentar conseguirmos que chova, por exemplo? Isso era assim. Há três mil anos era desse jeito. Nesta época, havia o famoso Baal que tinha um enorme forno, do tamanho de uma parede, e, para que ele ficasse de bom humor e tratasse seus seguidores e adoradores bem, estes pegavam criancinhas, bebezinhos recém-nascidos, com três, quatro, cinco meses, “vivinhos da silva” e jogavam-nos na fomalha ainda vivos para com isso abrandar o humor do deus e fazê-lo ficar calmo e ser bonzinho, misericordioso com a tribo. Qual a diferença entre o deus Rambo do Pacífico Sul e este último deus descrito? Seria só o tipo de sacrifício que cada um deles exige? Não há notícias de que o tal deus Rambo peça bebezinhos jogados em fomalhas, há? Então deve haver outra coisa. Mas, agora, tentemos imaginar este Rambo deus? Deve ser um deus que tem arco e flecha, que tem submetralhadora e que anda com fita na testa. Pois é, daqui a pouco haverá um monte de estátuas desse tipo sendo vendidas e tudo mais, lá na ilha do deus Rambo.

Mabel: Fale-nos sobre revelação. O que é uma revelação? E por que alguns indivíduos conseguem acessar esses conteúdos Divinos e outros não?

Prof. Hélio: Todas as pessoas, se quiserem, podem acessar a Centelha. A Centelha é o canal direto de ligação com o Criador. Por quê? Porque a Centelha é o próprio Criador, é o próprio Ser Divino. Se a pessoa gastar um pouquinho do tempo diário dela e tiver realmente interesse, disposição, boa intenção de saber como é o Criador e, em última instância, de fundir-se a Ele, fora de qualquer

análise de consequência, de medo e etc., pois é esta análise que impede as pessoas de se fundirem à Divindade uma vez que no momento em que se fundir, a pessoa, como “ego”, deixa de existir; a pessoa passa a ser o próprio Criador, a Centelha assume o controle. E o que faz a Centelha? A Centelha ama incondicionalmente, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, trezentos e sessenta e cinco por ano, *ad infinitum*, e a Centelha está unicamente interessada em promover o bem. Assim sendo, Ela não leva em consideração política, economia, finanças, interesse particular, nada disto importa à Centelha. Ela quer apenas fazer o bem, indistintamente. E Ela vai agir através do que? Através da verdade. Mas o que é a verdade? É isso. É isso e acabou. Então, Ela vai agir, falar, escrever, etc. Dentro da realidade terrestre, toda vez que um avatar vem e incorpora 100% da própria Centelha Divina, ele é combatido, é perseguido, etc., etc., porque, evidentemente, a atitude dele, os atos dele são contrários aos interesses materialistas instalados no planeta. Então, o que acontece? Os humanos, ao verem uma situação em que vem alguém, faz o bem e é morto, vem outro alguém, faz o bem, leva três tiros, vem mais outro alguém, faz o bem, toma um tiro, e assim por diante, sem falar naqueles que são queimados, cortados, esquartejados e etc. Por osmose, o que é que a pessoa pensa? “Se eu fizer o bem, é isso que acontecerá comigo, alguma dessas coisas?” Então, por medo decide a não entrar numa dessa, a não entrar em contato com a Centelha, pois se aprofundar este contato, breve fará uma fusão com a Centelha e, por conseguinte, a Centelha – o eu fundido – passa a fazer o bem indistintamente e acreditando que acontecerá a mesma coisa com ela, evita a fusão, pois a pessoas não quer que lhe aconteça isso. É assim que as pessoas evitam, de todas as maneiras, o contato diretamente com a Divindade. Porque as pessoas sabem que se fundirem-se, não vão agradar a todo mundo, uma vez que nem todos desejam a fusão, já que visam os próprios interesses. É, basicamente, por esta única razão, que as pessoas evitam fundirem-se à Centelha Divina. O que as pessoas não entendem é o seguinte: é que, depois que houve a fusão, não importa mais nada disto. Então, aquele medo que cada pessoa tem pela dúvida do que lhe irá acontecer, nada mais é do que o ego da pessoa. A pessoa que está fora do contato com o Divino, é um mero humano, com a Centelha bem enterrada dentro dela, coberta de concreto. É claro, que tem seus medos humanos. Quando ela se funde, isso não existe mais, ela é outra pessoa. E quando se é outra pessoa, todas aquelas questões anteriores deixam de existir. Vocês acham que Gandhi estava preocupado se iria tomar um, dois, três, cinco ou cinquenta tiros? Ele era feliz fazendo exatamente o que fazia, com o que veio fazer. Continuou feliz, morreu feliz e está mais feliz ainda depois disso. Não parou um segundo de ser feliz, de estar realizado e está trabalhando mais ainda agora. Então, qual o problema para o Gandhi, qual o problema pessoal dele por ter feito a fusão com o Criador, com o Divino? Nenhum, nenhum! No entanto, a pessoa que não quer isto, essa tem reservas, tem críticas. É o cético, é o que tem medo, é o que foge e é também o que combate, àquele que traz a Divindade até os humanos.

Mabel: Quem recebe uma revelação pode misturar o conteúdo dessa revelação com as suas próprias ideias?

Prof. Hélio: Com certeza. Esse é um grande problema. Para o canal transmitir limpidamente o que o Criador está passando para ele, e que ele deve repassar aos irmãos, este canal tem que estar o mais limpo possível, isto é, com a frequência mais elevada possível. Ele precisa sair completamente do ego para que não haja mais ego ali, só o canal. Se pegarmos um tubo, um cano, sujo, com mofo, sujeira, barro e pusermos uma água limpa para passar por ele, o que sairá do outro lado? Água contaminada por sujeira de todos os jeitos. Então, o canal é como este tubo: se for um cano assepticamente limpo, o que é que vai sair do outro lado? A água pura como entrou. É claro que esta pureza depende da frequência e do grau de elevação espiritual que o canal possui. Ao longo da História, temos visto essas duas coisas acontecerem, não é? Nós temos tido o canal mais limpo possível e, em consequência, a mensagem é perfeita, não existe nenhuma interferência, não está estática, é perfeito. E como que saber? Pelos frutos, a árvore boa dá bons frutos. Pelas obras é que se pode conhecer o canal. Deste modo, é fácil ver, pois só estará produzindo o bem. Agora, se, ao longo da História, temos tido canais que receberam a mensagem límpida, no entanto, por ego ou por interesse, juntou seus próprios conceitos. Nesta circunstância, o que este canal – a pessoa – faz? Mantém dois textos, um aqui e o outro lá, separados? Se assim fosse, ficaria muito fácil de “separar o joio do trigo”, não é verdade? Então, o que é que tem sido feito ao longo da História? Misturado os dois textos. Portanto, não é fácil saber se o que ali está é o que vem de uma canalização ou não. É lógico que depois de alguns anos vêm os estudiosos, pegam aqueles textos e fazem exegese dos mesmos. A partir daí, consegue-se, em decorrência da análise da vida daquela pessoa e de tudo mais que a circunda separar: essas frases foram ditas realmente por ele e isso aqui foi inserido pelos seguidores. Dá para fazer isso, e já fizeram isso, e tem-se chegado a conclusões horripilantes, pois há muita coisa que fora inserida nos textos atribuídos a esta pessoa, mas que não nada tem a ver com ela e tampouco com a mensagem original e ainda descobre-se muita coisa da mensagem original que fora distorcida, ignorada, subtraída, mudada. Enfim, descobrem-se “N” coisas. Por quê? Porque não interessava aos poderes vigentes na época, à religião instalada na época, porque, é lógico, se alguém vem com uma nova revelação e já encontra uma religião instalada no planeta inteiro, não há de ser bem-vindo. Vejamos, se nós chegarmos agora e formos lá para a tal ilha no Pacífico Sul e fizermos uma nova explicação, nós iremos nos debater contra quem? Evidentemente, contra os sacerdotes do deus Rambo da tal ilha. E eles não gostarão nada, nada, da nossa ideia de ir lá explicar “Olha, não é bem assim. Há outro jeito de enxergar a realidade.” Já sabemos, de antemão, qual é o resultado disso.

Sempre é uma situação muito complicada quando se toca no assunto “Religião”, assim como no assunto futebol, política, etc. Veja-se um exemplo: uma pessoa escolhe um time, seja por qual razão for, fica psicologicamente envolvida e depois não muda mais de time por nada, por mais fortes que sejam os argumentos ou as gozações pelas derrotas sucessivas. E nós sabemos do que as torcidas são capazes. Elas também matam pessoas da torcida do time adversário. Isto, na verdade, também é uma espécie de “coisa religiosa”, só que não recebe o nome de religião, não é mesmo? Mas, se virmos o comportamento das torcidas organizadas quando passam, é algo que dá medo, pois não há mais racionalidade alguma.

Mabel: É fanatismo?

Prof. Hélio: É puro fanatismo religioso. E qual a diferença, se tirar a camisa daquele time e colocar outra coisa no lugar, qual a diferença entre o comportamento daqueles torcedores com o comportamento da religião X? É igual. É puro fanatismo. Acabou a razão; não há mais análise, não há mais o bom senso, não há mais nada. E quanto mais se foge da razão, mais se chega à barbárie. Mais se chega ao nível animal. O que é que nos separa do chimpanzé? O DNA é 99, quase 99% igual. Então, algumas centenas de genes, só. Qual a diferença entre ele e nós? O raciocínio, a autoanálise, a capacidade de saber “Eu existo. Penso, logo existo.” Raciocinar é desenvolver essa civilização. Se nós eliminarmos o raciocínio, voltaremos para onde? Para o mesmo nível do chimpanzé. E sabemos como é que os chimpanzés fazem, certo? Eles são seres muito cruéis. Há duas espécies de chimpanzés. Há os bonobos, que são pacíficos. Estes têm altura maior, andam praticamente em pé, pernas longas, etc. Há poucos indivíduos desta espécie. E há os chimpanzés normais, com “N” indivíduos. Por quê? Quem é que mata, quem é que espanca, que tortura outro chimpanzé, mata e come? Que tipo de ego tem o chimpanzé que faz isso? E eles são assim. É preciso repensar muito bem essas questões todas. Mas, é lógico que quando se fala de religião, as coisas ficam muito complicadas, pois não se pode questionar esse assunto.

Mabel: Os seguidores de uma religião passam a interpretar as revelações conforme seus próprios interesses? E quais são as consequências disso?

Prof. Hélio: Imaginemos que se quem veio trazer a revelação original já seja capaz de misturar a esta, as próprias ideias e, por conseguinte, criar uma coisa bastante deturpada, e não percamos de vista que este alguém ainda está recebendo a mensagem. Neste sentido, o que podemos imaginar em relação aos seguidores que não estão recebendo nada, não são canais de nada, e estão totalmente

alheios à Centelha? Estes, com certeza, conseguirão pegar, de um texto desse tamanho, justamente aquela parte em que quem escreveu a revelação, inseriu algo do próprio ego e dos seus interesses particulares. É possível acreditar que um seguidor, que não tenha contato algum com a Centelha, possa ler o texto e conseguir entender a Metafísica avançada que foi passada ao canal, para ele repassar aos outros? Uma Metafísica muito abstrata? É evidente que não. O seguidor não consegue nem entender o que está escrito ali. Ele lê as palavras, mas não entende o significado delas, aquele significado oculto, como se diz que há em determinados textos, ou seja, a mensagem intrínseca. Assim sendo, o seguidor deixa-se guiar pelo “arroz com feijão”, a coisa mais prática, a mais concreta, que não necessita, quer dizer, que na verdade, não possui nenhuma comunicação Divina. Por exemplo: “Devemos, todos os sábados, às três horas da tarde, pegar esse vaso com lírios, levá-lo até o lugar X, coloca-lo lá e fazer determinada oração.” Se esta instrução estiver dentro de uma Metafísica que explica toda a abstração, todo o conceito simbólico do lírio, alguém considera que esta pessoa vai conseguir entender? Entrem na *internet* e procurem pela simbologia, pelo significado do lírio. É vastíssimo, é profundo. Aqui, nas próximas palestras, explicaremos isso. É possível acreditar que essa pessoa consiga entender isso? Ela só olha e fala “Nossa, há uma flor. Por que será que é um lírio? Ah, devem gostar do lírio, não é? Então, aqui fala que é para pegar o vaso daqui e colocar ali, todo sábado às três da tarde; vamos fazer isso.” E eles fazem isso.

Mabel: Só repete o ritual?

Prof. Hélio: Exato. Vira estritamente um ritual, sem nenhuma concepção de entendimento da Divindade. Todo ritual é simbólico. Não é exatamente aquilo que está dito para fazer que é o que deve ser feito concretamente. Aquilo é simbólico. Tudo o que existe no Universo é simbólico, são arquétipos. Assim sendo, o que a Divindade passa é o simbolismo, é o conteúdo inconsciente que Ela quer passar. Há um versículo que fala: “Olhai os lírios do campo. Nem Salomão, em toda sua glória, se vestiu como um deles”. Pronto. O que será quer dizer isso? É só isso? É só uma metáfora, assim, simples? É só para comparar a flor com o manto que Salomão vestia? Se nós olharmos de forma tão simplista assim, o que um estudo aprofundado desta questão faria? “Vamos dissecar este lírio, colocar num microscópio, analisar todas as características dessa flor e aí faremos uma comparação com toda a pedraria, os diamantes, o ouro e tudo mais do manto de Salomão para comparar, pois foi dito que o lírio se veste melhor do que o manto de Salomão”. Percebem? É esse o tipo de raciocínio que é feito. O que está embaixo, o que está além nesse versículo? O que a Divindade quis dizer com isso? É muito mais profundo do que comparar as células do lírio com o vestido do Salomão. É muito mais que isso. Mas, se a pessoa não desenvolver essa capacidade intuitiva, se não deixar a Centelha

falar para ela – é a Centelha que vai passar esse tipo de conhecimento, esse tipo de análise – a pessoa não vai compreender, uma vez que esta não é uma coisa racional, pois se assim fosse, um cientista faria facilmente isto. Ele pega um texto desse e fala “Vamos descobrir qual é o segredo que há nesta história. Vamos dissecar o lírio e pegar o tecido e fazer uma comparação”. É isso que faz uma Ciência “cega”, digamos assim, que só olha o que é perceptível. O verdadeiro significado é muito mais profundo que isso. Agora, vejamos, há um avatar que possui um conhecimento – é lógico, porque senão ele não seria um avatar – extremamente avançado em relação às pessoas com quem ele vai falar, para quem ele vai transmitir a mensagem. Como ele poderá transmitir conceitos avançadíssimos para pessoas que raciocinam no nível de comparar células com tecidos? Ora, ele só poderá usar metáforas. Ele sabe que, vamos dizer, neste caso específico, dois mil anos depois, alguém fará uma análise desta natureza e falará: “Não é bem isso que vocês estão olhando. Não é só o lírio. Há um significado oculto nisto.” Quanto tempo foi preciso para isto vir à tona? Dois mil anos. Ninguém enxergou ou ousou falar o que significava o lírio, e dentro deste contexto, como foi falado. Agora, o que ele irá fazer? Explicar o que era para ter sido explicado há dois mil anos? As pessoas já têm condições de entender aquilo? Com o pouco que é falado as pessoas já distorcem tudo, já dão um jeitinho aqui outro ali, já arrumam tudo, já torcem tudo, já tiram aqui, apagam ali, deixam só aquilo que lhes interessa. Haverá alguma pergunta que a pessoa fará sobre “todo o conhecimento que é passado quando um avatar vem ao planeta?” É claro que não. Já está respondido. O avatar pode passar, pode dizer a verdade total? Não, não pode. Quanto de verdade as pessoas aguentam ouvir sobre a realidade última do Universo? Quanto? Chegue para um – se fosse possível, nessa dimensão, chegar para o líder, o macho alfa, lá, de um bando de trinta chimpanzés, que tem uns dois quilômetros de território na selva – e fale assim: “Ouça, daqui a dois quilômetros há outro bando com mais uns trinta indivíduos. São seus irmãos. Você não pode atacar aqueles chimpanzés do outro bando, pois são seus irmãos. Vocês são da mesma espécie. Lembra-se?” O que será que o líder desse bando aqui achará de uma orientação Divina dessa? “Oh, chimpanzé é irmão de chimpanzé?” É isso que acontece. Na prática, é literalmente isso. Então, toda problemática continua, não? Depois de decorridos dois mil anos, o problema persiste. Ainda não “caiu a ficha”, que os humanos são todos irmãos. Não “cai a ficha” e é pelo fato da não aceitação do monoteísmo, da existência de um só Deus que criou tudo, portanto é um Pai para todos e todos são filhos, todos são irmãos, etc., etc., etc., logo não se pode fazer isso para irmãos. É também visível a batalha da Mecânica Quântica para explicar que existe um campo eletromagnético que diz o seguinte: “tudo que você manda, volta para você. Ou seja, esqueça a Metafísica, esqueça a orientação Divina. Vamos pela Física: tudo que mandar, volta; pensou mal, volta o mal pensado; se você sentiu algo, aquilo volta para você por meio de um campo eletromagnético”. A mensagem é a mesma, não é? O que acontece? Alguém sabe como as pessoas

reagem quando se fala: Mecânica Quântica? Eles só faltam ter urticária, só faltam ter crise epiléptica, quando se menciona Mecânica Quântica. O sujeito se esquivava e fala: “Eu não quero saber; não me fale disto!”. Ouço vários depoimentos dos clientes acerca de como é que as pessoas reagem quando comentam sobre Mecânica Quântica. Além do que é falado na mídia a respeito dos físicos quânticos, não é mesmo? E qual é o problema que há em relação à Mecânica Quântica para que se tenha tal reação? É um experimento de laboratório que gera o produto daquilo, é *GPS*, celular, rádio, televisão, etc. etc. Qual o problema do elétron se comportar de um jeito ou de outro? É que as pessoas têm um *feeling*, uma intuição aguçada para essa questão. Elas sabem que se entenderem o motivo pelo qual o elétron passa por duas fendas, isso vai leva-las a entender outra coisa que, por sua vez, leva a outra, e a outra, e mais outra... E lá no fundo há aquela bendita história de que todos somos irmãos, e “eu não quero saber disso”, não é assim? Assim sendo, “não posso aceitar”, então volta, volta, volta, volta encarnações, e “não aceito que o elétron passe pela dupla fenda.” Mas, “tenho quatro celulares, etc. e etc. No entanto eu não aceito que o celular funcione de acordo com todas as leis da Mecânica Quântica”. Se há uma postura mais medieval do que essa, mais atrasada do que essa, é brincadeira. Talvez possamos entender que o povo lá do Pacífico com o deus Rambo não aceite que um elétron passe pela dupla fenda pelo fato deste povo não conhecer e tampouco usar toda a parafernália eletrônica que esse experimento gerou. Aos demais, poderíamos dizer que pudesse ser necessário um estudo antropológico, uma análise psiquiátrica para entender o motivo pelo qual não aceitam que um elétron passe pela dupla fenda considerando que fazem uso diário de toda a parafernália eletrônica gerada como consequência deste experimento, se não fosse pelo fato de que esta não aceitação que demonstram está diretamente relacionada a não aceitação da verdade fundamental: a Centelha Divina está presente em todos e que, portanto, todos são irmãos. E é aí que está o “pomo da discórdia”.

Mabel: E isso fica mais complicado ainda quando a maioria dos cientistas, dos próprios físicos, não admite o significado dos experimentos e os usam apenas para fins de tecnologia. No entanto, eles, de alguma forma, se apoderam deste conhecimento. Inclusive já se chegou a zombar de indivíduos que não são físicos, mas que fizeram esta união, que acharam o significado, não é mesmo? Então, as pessoas acabam tendo esse apoio da Ciência – excluindo-se os que são visionários, que estão mais envolvidos com essa questão do significado da Mecânica Quântica – mesmo não querendo, de antemão, entender o significado de tudo isso.

Prof. Hélio: É o que aconteceu numa das últimas palestras que eu fiz e também ocorreu com Amit Goswami quando este veio ao Brasil, e uma pessoa pediu provas daquilo que ele estava falando? Ele

respondeu: “Já está provado”. O que mais uma pessoa pode querer de provas além de todos estes experimentos? Que uma coisa leva a outra, que, por sua vez, leva a outra, que leva a mais outra? E a sinergia que existe entre os experimentos? Não há? Está “hiperprovado”; estes físicos quânticos não são loucos, não são dementes. Eles falam porque têm certeza absoluta do que estão fazendo. E isso foi testado “N” vezes. É a teoria mais testada da história da Física. Por quê? Porque se queria justamente derrubar a Mecânica Quântica, uma vez que já sabiam aonde isto iria chegar. Então, não poderiam deixar chegar a este ponto; iriam fazer todo tipo de questionamentos e de experimentos até conseguirem derrubar. E sabemos que quanto mais testava, mais provado ficava, até que passaram a ignorar. Mas aquela meia dúzia continua testando – sempre há uma meia dúzia – e à medida que a tecnologia, e os aparelhos foram ficando mais sofisticados, permitiu-se fazer experimentos mais sofisticados ainda, que, por sua vez, comprovaram tudo o que a teoria já dizia cinquenta, sessenta, oitenta anos atrás. Então, quanto mais se pesquisa, mais comprovado fica. Porém, o significado, aí não se pode falar, não é mesmo? Qual é o sétimo nível de significado que tem este experimento. Vamos só citar um. O livro **A Ciência e o Campo Akáshico**, de Ervin László relata um experimento que diz o seguinte: duas pessoas que têm contato são separadas. Eu manipulo uns objetos, copo, qualquer coisa, e, por exemplo, um bonequinho que representa o Hélio. Manipulo isso, pego na mesa. Aí deixo aqui e vou para uma sala, uma gaiola de Faraday. Ela é imune a ondas eletromagnéticas. Então, portanto, pela Ciência, nada chegaria, de sinal, até lá. Ela (apontando para Mabel) pega esse bonequinho que simboliza o Hélio, porque o Hélio teve contato com ele – então, criou uma ligação quântica – pega uma pluma e passa no ombro do Hélio, no bonequinho, aqui, para fazer cócegas. Eu estou na outra sala, ligado a vários aparelhos que medirão qualquer reação fisiológica em mim. O que que o experimento mostrou? Que a pessoa lá na sala sentiu cócegas no ombro. Isso prova que existe uma conexão? Claro que prova. Prova que existe um sinal sendo transmitido de um lado para o outro, não nessa dimensão – portanto, um sinal não local? Prova que existe o emaranhamento quântico? Prova. E qual a consequência disso? Por que as pessoas não gostam deste experimento? Porque isso é a tal história do vodu lá do Haiti? E se o vodu for real, qual é o problema? É aí que a coisa pega. Porque o experimento mostrou que se mexeu no ombro e o sujeito que estava na outra sala sentiu a reação instantaneamente. Então, é um fato que a informação é transferida à distância, independentemente de qualquer barreira que se possa fazer. Um campo eletromagnético não conseguiu impedir. Portanto, essa informação não trafegou nesta dimensão, que é aquilo que as pessoas querem saber: onde está a torre de repetição da onda que o CD do Hélio está emitindo, não é mesmo? Eles querem saber essas coisas. E nós já explicamos, duzentas vezes, que não há nenhuma transmissão de sinal sendo feita nesta dimensão, que não é som, que é só dar *play*, volume zero, deixar tocar. A mãe toca o CD em São Paulo e o filho está na Califórnia, e ele sente o

resultado lá, imediatamente. É o mesmo princípio, o mesmo, não é verdade? O experimento mostra isso e o que o nosso trabalho faz também mostra isso. Então...

Mabel: E quando haverá a unificação da Ciência com a espiritualidade?

Prof. Hélio: Olha. Um grande físico disse o seguinte: “A Ciência avança funeral após funeral.” Ponto. E isso é uma grande verdade. Quem já está estabelecido tem uma extrema dificuldade, por vários motivos, de aceitar a inovação, de aceitar a mudança, de mudar de paradigma, etc. Faz-se de tudo para evitar uma nova visão do mundo, mas não uma nova tecnologia. Se vocês imaginarem que até os anos 1956 existia válvula eletrônica por todo o planeta e que uma empresa americana era a maior produtora de válvulas do mundo. O dono era um sujeito milionário e não tinha interesse algum em que válvula ficasse obsoleta tão logo. Acontece que em 1957 surgiu o transistor. Então as pessoas já de certa idade que estão assistindo sabem que virou uma febre naquela época você ter um radiozinho a pilha. Pequeninho assim, quadrado, um retângulo, aquilo era a coisa mais cobiçada, além da televisão, porque tinha um transistor. Neste mesmo ano, faliu a empresa de válvulas, acabou. Então o que era, digamos, um império das válvulas simplesmente desapareceu em questão de meses por consequência do avanço tecnológico. Isso é aceitável, não é mesmo? Não há problema nenhum nisto, no mundo econômico, financeiro, etc., etc., não há problema nenhum. Porque, teoricamente, não implicou em nenhuma mudança de visão de mundo usar o radinho de pilha. Recentemente, computadores pessoais, celulares e *GPSs*, também são aceitos, pois, supostamente, eles não implicam em nenhuma mudança de visão de mundo. Quer dizer, isso já foi testado em 1958: pôs-se o transistor e analisou-se como o povo reagiria. O povo engoliu o transistor numa boa, não questionou nada. Surge a televisão, também não questionaram nada. Acharam que tubos de raios catódicos eram banais. Imagine o que era alguns anos antes haver apenas carruagens a cavalo e poucos anos depois já existir a televisão, e logo depois televisão em cores, e a seguir transmissão de rádio pelo mundo inteiro. E tudo isso sendo aceito sem nenhum questionamento. É como se todos esses avanços fossem a coisa mais banal do mundo. E isso acontece por quê? Porque, evidentemente, é transmitida a informação de que isso não significa nada, é só tecnologia. Não há nada, não é preciso se preocupar com o que está por trás disso. Isso é só... Quem vai se preocupar com uma coisa dessas? E até hoje esta história persiste. Avanços e mais avanços e não existe questionamento algum sobre eles. Bom, acontece que a coisa não é bem assim. Os avanços são cada vez mais tão profundos que vai ficando muito difícil dizer que aquilo não tem significado. Enquanto não havia o experimento de Alain Aspect, de ligar, conectar os dois elétrons, dispará-los e medir o *spin* de um com o *spin do outro*, o momento angular de um com o do outro, e provar ser mais veloz

do que a luz, tudo era só conjectura. Então, se podia deixar para lá, jogar tudo para “debaixo do tapete”. Mas, a partir do momento em que aparece um físico e prova o emaranhamento quântico. O experimento é feito de novo, e é prova, e prova e mais prova. Isto começa a levantar uma série de outras questões. E as novas gerações, inevitavelmente – essas crianças de cinco, seis, sete, dez anos – já crescem considerando que as coisas da Mecânica Quântica não são tão “esquisitas” assim, não é mesmo? Uma criança de dez anos de idade acha que é perfeitamente normal, não há problema nenhum o elétron passar pela dupla fenda. Então, essa criança, quando ficar adulto não se oporá às consequências da Mecânica Quântica. Isso já está acontecendo. Há uma geração em andamento que está tendo contato com toda essa parafernália. Eletrônica e *Spintrônica*, computador quântico, toda essa terminologia que eles vão aceitando sem problema algum. Muitos deles tornar-se-ão físicos e já não terão nenhuma reserva quanto a isso. Esses terão filhos. Então, daqui a uma ou duas gerações, quarenta, sessenta anos, nós teremos físicos que julgarão absolutamente normal todas as “esquisitices” da Mecânica Quântica. E darão risada de toda resistência que existia no fim do século XX e início do século XXI, com relação aos experimentos da Mecânica Quântica. Da mesma forma que nós, hoje, achamos ridículo o que eles faziam em 1500, daqui a pouquíssimos anos, – não levará quinhentos anos – eles darão risada das prevenções, tabus e preconceitos que se tem hoje contra a Mecânica Quântica. Este é um prazo, em termos históricos, curtíssimo para haver mudança dessa magnitude, pois isso provocará mudança em todas as áreas no planeta Terra.

Mabel: Uma mudança de paradigma, não é mesmo? Agora, voltando às religiões, por que as religiões são contra os místicos?

Prof. Hélio: Essa é outra boa questão. O místico é aquele que tem contato direto com o lado espiritual por diversos meios. Ele tem acesso à informação direta; não depende de ninguém vir falar “é assim” ou “é assado”, nada disso. Ele não precisa de intérprete, pois ele é um canal aberto. Ele “vai lá” – é uma forma de falar, *OK?* – pois quem vai para o lado espiritual é porque, na verdade, já está no lado espiritual. Weinberg falava que: “No seu quarto existem infinitas realidades dimensionais”, pois ele já tinha entendido que cada frequência, de tanto a tanto, é uma dimensão. Então, no mesmo local – aqui, aqui nesta sala – todas as dimensões estão presentes. É só questão de sintonizar o rádio na frequência que nós queremos. Quando alguém põe o seu foco de atenção na terceira dimensão, a pessoa olha essa realidade que está aqui, mas se ela abstrair o foco e elevar a frequência para a próxima dimensão, o véu descortina-se. Rasga-se o véu e enxerga-se outra dimensão e, acima, outra, outra e assim por diante. Então, o místico é aquele que, por nascença ou por desenvolvimento pessoal, ao longo dos milênios, chegou a ter esta capacidade. Desta forma, ele

transita – forma de falar – por todas as dimensões do jeito que ele quer. Assim sendo, ele vai lá e acessa a informação e a traz. E fala “Bom, não é bem do jeito que aqui está escrito. É assim...” É evidente que quem ambiciona que seja do jeito que está escrito tem muito interesse em cima daquilo e, portanto, não vai aceitar que alguém venha com uma nova revelação e fale “Olha, não é assim, mas é assado.” Portanto, todo místico é visto como um problema. Em toda religião os místicos são vistos como problemáticos. São renegados, são proscritos, são aqueles para quem a elite daquela religião não dá à mínima. As condições de trabalho lhes são tiradas, assim como os meios. Eles são tratados de qualquer jeito, como se os místicos fossem doentes mentais, esquizofrênicos. Geralmente agem deste modo: “Ah, essa pessoa é meio doente, sabe? Então, mas é melhor deixá-lo aqui, porque ele solto é mais perigoso, pois ele pode sair daqui, da nossa religião falando ao mundo ‘eu vi isso, eu vi aquilo’, é pior.” Por isso não são expulsos como seria de se esperar e continuam naquela religião, “jogados em um cantinho”, lá nas catacumbas, e vão levando a vida deles. Como estão trafegando pelas dimensões, em êxtase, pois a capacidade deles de acessar dimensões benevolentes é altíssima, estão felizes da vida. Eu tive contato com pessoas assim. Elas tentam passar a revelação, tentam fazer com que o que viram chegue até o público, mas a resistência é muito forte e elas não têm meios. E, como sabemos, neste planeta tudo é dinheiro, tudo é matéria, tudo é recurso. Assim, o que faz um místico que está inserido na religião X e quer divulgar o conhecimento dele? Como ele faz? Ele publica livro onde? Que editora publicará o livro dele? Vai precisar passar pela censura e não passa. Então, onde ele precisa ir? Numa outra editora? Não pode, já que ele faz parte da outra religião que não é a mesma desta editora. Ele está cerceado de todas as maneiras. E é por isso que essas informações dificilmente chegam até o grande público. Por exemplo, um deles, com quem eu tive contato, para conseguir o material dele, sobre o que ele tinha visto e escrito - ele escreveu muita coisa – foi preciso buscar na Alemanha. Pedi para procurar uma determinada pessoa na Alemanha que comprou a publicação deste místico e trouxe para mim para que pudesse ter acesso. Este místico mora aqui em São Paulo. Mas só consegui isto, com muita dificuldade e lá na Alemanha. E aqui? Jamais. Aqui não há a menor chance disto ser publicado e divulgado. Os místicos provocariam uma mudança acelerada se pudessem ter acesso ao rádio, à televisão, à imprensa, etc., etc. Mas como, se nós temos no mundo em torno de seis empresas de comunicação que controlam mais de 51% de toda a mídia mundial – rádio, televisão, jornal, revista, cinema, tudo, tudo que for comunicação social. São as chamadas empresas tentaculares, pois se espalham verticalmente por toda a cadeia de comunicação. Se há apenas seis destas empresas controlando praticamente tudo, como se vai conseguir divulgar? Se essas seis pessoas sentarem a uma mesa e decidirem: “Isso passa, isso não passa; isso aqui pode divulgar, isso aqui não pode.” Já era assim na Idade Média, não era? “Isso pode, isso não pode. Isso aqui pode ser lido, isso não pode.” O místico não terá a menor

possibilidade de fazer isso. Então, ele vai depender de doações, de seguidores, de pessoas que farão todo tipo, digamos, de sacrifício por amor à causa, que o ajudarão a divulgar. Mas sabemos que por mais boa vontade que se tenha em ajudar, não é suficiente. É preciso fazer a mensagem chegar a milhões e milhões e milhões e milhões. Lembremo-nos que há sete bilhões de pessoas no mundo. Então, essa mensagem precisa chegar a este patamar. No entanto, como diz a propaganda do filme: “Quando você cria, por exemplo, um *Facebook*, você faz quinhentos milhões de amigos, mas faz também alguns inimigos”. Como é que se faz quinhentos milhões de amigos? Como se consegue isso? Que tipo de mensagem consegue chegar a quinhentos milhões de amigos? Digamos que seja pelo potencial de uma rede, pois se todo mundo está interligado em alguns passos, dois, quatro, oito, dezesseis chegar-se-ia a trinta milhões de pessoas como “num estalar de dedos”. Se fosse assim tão simples, seria fácil chegar ao número de quinhentos milhões. Mas como se existe uma censura que permite que se chegue até certo ponto, mas que dali não passe. Por quê? Por que não se pode falar que o elétron passa pela dupla fenda e provar isso? Vamos falar em números: quinhentas mil pessoas (é o número de exemplares do livro **O Tao da Física**, de Fritjof Capra vendidos no mundo; não deve ser muito mais que isso – esse número é real) compraram **O Tao da Física**. Então, teoricamente, conseguiu-se fazer com que quinhentas mil pessoas saibam que o elétron passa pela dupla fenda. Tudo bem. Mas como atingir um milhão? E cinquenta milhões? E... Não acontece, porque não aconteceu; não aconteceu. **O Tao da Física** só foi visto, lido, comprado, por quinhentas mil pessoas. O filme **Quem Somos Nós?**, por exemplo, foi visto no México por quantas pessoas? Por duzentas mil, o número de pessoas que viram o filme no cinema. Duzentas mil. Duzentas mil é um pouco mais que o campo do Maracanã. E qual o tamanho do México? Então, como se vê, nada acontece, no México, pois só duzentas mil pessoas tiveram acesso à informação, e dentre estas, sabe-se lá quantas conseguiram entender o que está explicado no **Quem Somos Nós?** Aqui o filme ficou cinco meses em cartaz e quando nós fizemos uma palestra sobre o **Quem Somos Nós?**, a maioria não tinha entendido o que estava acontecendo no filme. Ou seja, assistiram, mas não entenderam. Isto demonstra o tamanho do problema. Duzentos mil mexicanos assistiram. Destes, quantos entenderam? Vinte mil, dez mil, de uma população inteira? Então, não significou nada. Mas, se todos os mexicanos tivessem assistido e debates e mais debates, discussões, conferências e mais debates tivessem acontecido, certamente esta informação passaria a milhões e milhões de mexicanos. Isto sim provocaria mudança. Mas não se chega lá, não se chega. Porque, por um meio ou outro, impede-se que o filme seja divulgado da maneira correta, como um *blockbuster*, e, desse modo, possa chegar à população toda. Assim o conhecimento fica restrito à meia dúzia de pessoas. Esta é a razão pela qual ainda não houve uma mudança significativa de paradigma. Por que esta mudança é tão lenta? Porque a informação não chega a um número significativo de pessoas para formar uma “massa

crítica”, como dizem. É preciso haver um número X, percentualmente falando, que se multiplique por si só até atingir o patamar ideal. É preciso que haja uma reação em cadeia que faça com que essa informação chegue neste patamar, neste número capaz de desencadear a mudança. Se dependermos de quem está no poder para divulgar o novo paradigma, “podemos esperar sentados”, pois, sem sombra de dúvidas, vai levar mais alguns milhares e milhares de anos. E talvez nunca aconteça. Isto vai depender de que um número pequeno, mas suficientemente engajado, de pessoas assumam a responsabilidade pessoal de divulgar. Não há como fugir do exemplo de dois mil anos atrás. Foi preciso que, digamos, oficialmente, doze pessoas se engajassem para transmitir uma mensagem. Dois mil anos depois a mensagem está espalhada pelo mundo inteiro. Mas foi necessário que doze pessoas que deixassem seus interesses particulares de lado, seus negócios...

Mabel: Comprometidas.

Prof. Hélio: Exatamente. Largaram tudo, suas empresas e etc., e se comprometeram a divulgar um novo paradigma, uma nova era, uma boa-nova, uma informação ultrarrevolucionária, contrária a tudo, correndo riscos graves de morte, como aconteceu com todos eles, mas cada um tinha a responsabilidade de pegar o bastão daqui e levar até o outro ponto. Se cada um fizer isto, a mensagem chega lá e então a mudança será muito rápida. Se assim fosse, não teriam sido precisos dois mil anos para estar no ponto que se está agora. É preciso que essa informação ande: “Todos são irmãos”! Mas esta informação não chega até a população em geral, não chega. “A Centelha existe” – também esta informação não chega; as pessoas não sabem nem o que é Centelha. Não têm a menor ideia de como seja o Criador, o que Ele faz, o que Ele pensa, como Ele age. Sabe aquelas concepções, que estão na outra pergunta, a tal história do Paraíso e do Inferno? A que leva esse tipo de concepção? “Se você não se comportar direitinho, o bicho-papão vem te pegar”. As mães, antigamente, talvez até hoje continuem falando isso: “Quando seu pai chegar você vai ver”, ou então “Se você não fizer direitinho, o bicho-papão vem à noite te pegar”. Pronto, incutiu-se na criança o terror, o medo de que venha algo monstruoso que irá devorá-la. Este tipo de “trauma” é muito eficiente, é lógico. Condiciona-se a pessoa a agir de determinada forma, pois, caso contrário, ela irá sofrer e não é um sofrimento temporário, é eterno. Ela vai sofrer indizivelmente, porque há aquela parte do Inferno que é largamente descrita, com toda riqueza de detalhes, torturas e mais torturas inimagináveis. O Inferno é um negócio muito pictórico cujas grandes descrições emocionais objetivam que a pessoa fique terrivelmente apavorada, em pânico e com isso perca totalmente a capacidade de raciocinar. Desta forma, ela passa a ser condicionada através do medo: “Ou você faz isso ou você vai ser condenado”, não é assim? Assim sendo, detém-se completamente o raciocínio,

restando apenas o lado emocional da pessoa no ar, e atormentado por essa doutrinação de que haverá um sofrimento eterno. Isso é tão forte que suspende a capacidade da pessoa de fazer qualquer avaliação da Divindade. Se Deus é bom, como é que Ele vai me jogar no Inferno por toda a eternidade? Isto é incoerente, é ilógico; qualquer criancinha conseguiria fazer assim (estalar o dedo): “Pode parar, isso não existe. Se é bom, não pode fazer isso. Mas, se faz isso, então não é bom. Há algo errado com esse Deus; tem que haver outro.” Porque tudo no Universo caminha para o lado do bem, do amor, da felicidade, da alegria, da prosperidade, etc. Basta olhar, analisar a natureza, a matemática do Universo e etc., para perceber que existe uma mente Divina que conduz tudo isso para o lado do bem, da alegria e da felicidade. Portanto, se existe uma “divindade” que te joga no Inferno, com certeza há algo de errado nesse conceito. Mas, se pegam uma criança de um ano, dois, três, quatro, cinco, seis anos e começam a martelar isso na cabeça dela e a ela não tem capacidade alguma de raciocínio, pronto, a lavagem cerebral está feita e, assim a criança passa a acreditar piamente naquilo. E depois, como é que se desfaz isso aí? A vida inteira de psicanálise talvez resolvesse, mas é claro que essa criança não fará psicanálise, nem terapia alguma, porque ela está absolutamente convencida daquilo; assim, jamais questionará, pois se questionar irá para o Inferno. Este é um sistema perfeito, não é verdade? Do outro lado, na próxima dimensão, há bilhões de seres paralisados e até o momento não se encontrou uma forma de tirá-los daquela situação, porque se alguém chegasse para eles e falasse “Escuta: não é bem do jeito que vocês pensam. Vejam aqui? É diferente.” Daria para conversar? O que eles fariam? “Não, não, não. Espere, pare, pare, pois já nos avisaram que quando nós chegássemos aqui viria alguém falar que não é do jeito que nós pensamos. Então, nós não queremos saber, pois você é do mal e só veio aqui distorcer a verdade.” Isto na outra dimensão, ou seja, não são mais os humanos vivos, terrestres; são os que já estão na próxima dimensão. Questionam porque eles já foram condicionados a: “Depois que você morrer tome cuidado, pois vão falar para você que não é bem do jeito que nós ensinamos aqui.” E a pessoa acredita. Então, imaginemos bilhões a serem tratados, a serem tirados dessa hipnose absoluta que foi feita, porque eles não conseguem sequer sair do fundo do poço mental, emocional em que estão. Por causa disso, as técnicas de tortura são extremamente eficientes para fazer uma lavagem cerebral. Toda vez que se provoca dor em uma pessoa e se fala algo em seguida, ela grava isso num engrama, ela faz uma neuro-associação. Aí é só bater (torturar) de novo e falar, bater e falar, bater e falar. Em pouco tempo a pessoa cessa o julgamento e acredita exatamente naquilo que gravou em consequência da dor que lhe está sendo infringida. Esta é uma técnica de lavagem cerebral, através da dor, muito conhecida pelos interessados em mente humana. A outra é a do questionamento: fazem-se perguntas e mais perguntas, sem causar dor alguma, somente perguntas. Vai perguntando. Os norte-coreanos aplicaram esta técnica com os prisioneiros de guerra norte-americanos. Dois

meses depois, os norte-coreanos conseguiram com que os pilotos norte-americanos desdissem tudo o que eles haviam dito antes. Eles renunciaram à América, acusaram a América. Eles voltaram atrás, mudaram tudo, com dois meses de conversa; dois meses de diálogo, papel, caneta e, claro, uns cigarros a mais, um pouco mais de comida, uns “brindes”. Isto, não é mera semelhança com qualquer técnica de vendas que se veja pelo mundo afora. Assim, os norte-coreanos perceberam que era muito mais eficiente conversar com o prisioneiro e levá-lo a mudar completamente de opinião, do que espancá-los que demoraria muito mais. É perfeito quando se faz dessa forma como os norte-coreanos fizeram. Quando os pilotos, ao final da guerra, voltaram aos Estados Unidos, eles foram exaustivamente interrogados pelos psicólogos da Marinha, da Aeronáutica e do Exército com o objetivo de entender o que havia acontecido – por que eles escreveram aquilo, por que renegaram às crenças e etc., etc. Então, foi feito um longo estudo para identificar a técnica que os norte-coreanos haviam usado e para entendê-la. E por que isto foi feito? Não era só para entender como é que os coreanos conseguiram aquele “milagre” em sessenta dias; é porque aquilo fora uma extraordinária técnica de vendas.

Mabel: Para reproduzi-la?

Prof. Hélio: Exatamente. Assim que eles entenderam a metodologia dos norte-coreanos, começaram a divulgá-la nos manuais de Psicologia, de vendas e etc. Está disponível nas livrarias e pode ser comprado. Tudo isso está à venda, em Português. É imbatível. Vende-se qualquer coisa com esta metodologia que os norte-coreanos aplicaram. Se se é possível conseguir isso com militar altamente treinado para não contrariar o treinamento que recebeu – “Não vá trair a Pátria” – imagine qual o efeito deste método em uma criancinha de dois, três anos, que ainda nem sabe por que está aqui? e você repete, repete, repete, aquilo? Ela não tem capacidade nenhuma de julgar, e a repetição constante, obviamente atinge o seu objetivo. E outra coisa, ela está inserida num contexto em que, se ela questionar será violentamente punida de todas as formas. Então, quantas pessoas são capazes de questionar? Quantas crianças vão crescendo, e se tornam capazes de questionar aquilo que elas receberam como instrução com dois, três, quatro anos? Pouquíssimas. Na História da humanidade, talvez se possa contar nos dedos de uma mão. Pois o controle social é feroz e ninguém ousa sair fora daquilo porque a punição é absoluta. Aquelas comunidades *quakers* que iam para América por volta de mil seiscentos quarenta, eram um clã. Eles se estabeleciam numa fazenda e ali havia várias famílias que moravam em comunidade. Quando um membro ousava questionar o paradigma vigente naquela comunidade, naquele clã, qual era a punição? Ninguém mais falava com aquela pessoa; era banida socialmente. Continuava lá morando, tinha comida, água, mas ninguém mais lhe dirigia a

palavra, tornava-se um pária social. Isto é extremamente eficiente. O instinto gregário, a busca de aprovação, a pessoa precisa agradar a torcida, ela precisa da validação do grupo. Ela, sozinha, não tem autoestima suficiente, não tem autoconfiança suficiente; então, é vulnerável. Ela precisa que os outros digam “Não, você está certo”. Se o grupo retirar esse apoio, ela não tem força psicológica para enfrentar. O que a pessoa faz? Jamais enfrenta, não é mesmo? Empurra essa situação para frente. É por isso que pouquíssimas pessoas são capazes de questionar um paradigma passado? Os que ousam pensar um pouquinho, falam: “ Bom, mas se eu abrir a boca, eu vou ter tudo isso aqui contra mim? Então, é melhor eu ficar calado.” Falando daqueles pouquíssimos que teriam coragem de se expor e de se afirmar, pois todos aqueles que têm problemas psicológicos, de autoestima e autoconfiança jamais levantarão uma questão dessas.

Mabel: Vamos voltar às revelações. Quando uma revelação é autêntica e é trazida aqui para o planeta, ela pode ser aprimorada com o passar do tempo ou está fechada nela mesma?

Prof. Hélio: Ela é aprimorada com o passar do tempo. Nenhum conhecimento desse tipo é passado integralmente na primeira vez, por falta de capacidade de entendimento das pessoas que estão recebendo a revelação. Ninguém vai ficar esperando milhões de anos de evolução de um planeta para depois explicar “Olha, o caminho é esse aqui, *Ok*. Sabe por quê? Porque jamais chegariam ao entendimento necessário. Se deixados, sós, eles não chegam, mas não chegam nem em bilhões de anos. Todo conhecimento científico, filosófico, teológico, etc., etc., que existe num planeta é trazido de fora, um pouco por vez. Uma pessoa aqui, outra ali, outra lá, entendeu? É um conhecimento totalmente externo que é injetado naquele planeta para provocar mudanças. Isso pode, dependendo dos habitantes do planeta, ser muito rápido ou pode ser muito lento. Há planetas em que a aceitação é imediata, e eles dão saltos quânticos de paradigma, sem nenhum problema. Há planetas, como o terrestre, em que a resistência é feroz a qualquer mudança de paradigma, então isto demora e demora como vocês veem, para que se dê um pequeníssimo salto o quanto de tempo se leva neste planeta. Devido a esta resistência, a mensagem é passada a conta-gotas. Passa um pouquinho, depois mais um “degrauzinho” acima, outro, outro, outro, e assim vai. Grão a grão. Passa-se um pouco e observa-se se assimilaram; como é que aceitaram ou se não aceitaram, em que nível mudaram. Veja bem, civilizações avançadas, como essas de que estamos falando, têm uma capacidade científica, tecnológica de analisar essas questões que são hoje, literalmente, inimagináveis para o ser humano terrestre. Do outro lado, pode-se escanear um cérebro humano em tempo real, ao vivo, a cores, andando, funcionando. Então, uma pessoa normal, vivendo aqui como nós, pode ter todo o seu cérebro analisado, no aspecto físico, no emocional, no mental, nos pensamentos e sentimentos, em

tudo, tudo. Não há o que não possa ser visto, analisado, etc., não há. Estamos falando de milhões de anos acima, de tecnologia. Eles conseguem avaliar exatamente qual o grau de evolução que a pessoa teve. Mandamos uma mensagem X e como é que as pessoas responsáveis reagiram a esta mensagem? Dá para saber exatamente o grau de evolução que a mensagem tal provocou bem como o grau de resistência que está havendo. Assim, se, por aqui, não houve resultado esperado, é preciso mudar a estratégia, transferindo-se, transmitindo-se outra mensagem de forma diferente, num outro lugar, num outro contexto, e assim por diante. Deste modo é possível medir exatamente, se passou e o quanto passou. Evidentemente, tudo isso é um aprendizado. Quando se pega um planeta iniciante transmite-se uma informação e observa-se como é que aquele público reage, pois cada planeta é diferente, cada humanidade é diferente.

Mabel: Tentativa e erro?

Prof. Hélio: É mais ou menos isso. Com base na experiência passada pelos outros planetas, muda-se a estratégia e faz-se de outra forma, avalia-se e vai-se ajustando passo a passo até que se consigam as grandes mudanças. No momento, 2012, estamos bem no meio de uma enorme mudança. Evidentemente que existe um cronograma cósmico galáctico – cada galáxia tem um – todos os planetas de uma determinada galáxia e sistema estão num estágio de evolução: evoluindo para um passo X. Há um programa, há um planejamento disso: local, sistema, sistema grande, Sistema Solar, depois sistemas muito maiores (de vinte e cinco mil anos de giro) até sistemas galácticos. Há um planejamento para cada nível desses. É uma experiência. Uma experimentação. Um dia galáctico, por exemplo, na Via Láctea, dura duzentos e cinquenta milhões de anos. O que se planeja? Vamos experimentar o conceito de coragem nesse dia galáctico. Durante duzentos e cinquenta milhões de anos, esse é o programa principal, é o planejamento, é o que deve ser executado em toda a galáxia. Esse é o plano macro aqui de cima. Aí, vai se descendo, há uma hierarquia, e em cada nível isso é implantado. Cada sistema possui suas características, cada planeta, até descer ao âmbito pessoal, do que cada um vai fazer pessoalmente, quanto ao trabalho, realização, dívidas, pagamentos, investimentos e todos os demais aspectos da vida no ano de 2012. As tais resoluções de Ano Novo de cada pessoa física. Esse mesmo tipo de pensamento, raciocínio e implementação, existe até o nível galáctico e cósmico. Se uma pessoa possui uma vídeo-locadora, ela planeja o desenvolvimento de sua loja passo a passo, porque é o poder que a pessoa tem. Qual é a sua capacidade financeira, intelectual, gerencial, etc., neste negócio? A pessoa tem dinheiro para ter uma montadora de automóveis? Não. Tem dinheiro para ter uma vídeo-locadora, então, a capacidade é para aquilo. Faz o melhor possível naquele seu negócio, com a capacidade financeira, econômica que possui. Um ser

com maior expansão de consciência, vamos usar esse termo, tem um planeta inteiro para trabalhar; outro ser tem um sistema inteiro; outro ser..., e assim vai se elevando até que se chegue ao nível de que um ser que seja capaz de administrar uma galáxia inteira. Isto tudo é só uma questão de expansão de consciência, de capacidade de consciência, de entender que pode. O que é consciência? É entender que pode pensar e sentir. Ter certeza, sentir que é? Então é. É assim, é simples. Se se perguntar para um auxiliar de pedreiro “Você consegue dirigir uma empresa automobilística com dez mil funcionários?” É claro que, em sua consciência, ele vai falar que não, pois não tem mesmo. Ele pode ter até dificuldade para calcular o quanto vai de tijolo, cal, areia, cimento e ferro para levantar uma parede. Então, ele não pode ser diretor de uma empresa deste tamanho. Mas pedreiro ele pode ser. “Você consegue?” Ele fala: “consigo, eu sou pedreiro!”, “Eu sou mecânico”, “Eu sou...”, entendeu? Naquilo pode-se ter certeza de que ele vai tentar fazer o melhor, porque ele é pedreiro. É a mesma coisa, é só uma questão de nível. Vai-se expandindo, expandindo, expandindo, expandindo até que se chegue a um ponto que se diga: “Eu sou a galáxia.”, o *Logos Galáctico*, que é um ser que sabe, portanto é capaz de gerir uma galáxia inteira com duzentos bilhões de estrelas e planetas girando em volta de cada uma dessas estrelas e etc. É consciência, é só isso, mais nada. Não há nenhuma mágica especial nessa situação. Poder-se-ia pensar assim: “Como é que eu posso ser promovida para dirigir uma galáxia?” Com o tempo chegar-se-á a tal expansão. Só é preciso expandir a consciência para ser capaz de gerir uma coisa maior, maior e maior. Vai indo, vai crescendo, acumulando informação, acumulando experiência até que se consiga gerir com eficiência. Vamos esclarecer isso: gerir uma coisa qualquer, todo mundo gere, mas se colocarmos esse pedreiro como diretor financeiro da empresa automobilística, ele poderá levar a empresa à falência. “Estar administrando uma empresa não é sinônimo de eficiência. Conseguir gerir a galáxia é promover o bem-estar geral dela e estar tudo certo. Então, o indivíduo pode dizer que é capaz. Esse “Eu sou” é apenas para aquele que é capaz de gerir com eficiência. Veja o nome, “Eu sou”. Portanto, quem é capaz de gerir uma galáxia? O Criador. Como é que nós, meros X, poderíamos ter a capacidade de gerir a galáxia? Não podemos. Por isso, quando um ser chega a este estágio, ele já deixou o ego de lado muito antes disso, e o “Eu sou” assumiu a consciência dele, a vida dele. Então, é esse “Eu sou” que dirige o planeta, o sistema e a galáxia com total e absoluta segurança para o bem de todos. Se o “Eu sou” é capaz de dirigir a galáxia, um negócio desse tamanho, por que os humanos não o deixam dirigir a vídeo-locadora, a montadora de automóveis, o banco? É muito mais fácil dirigir uma vídeo-locadora do que dirigir uma galáxia, e o “Eu sou” faz isso com o “pé nas costas”, como diz o dito popular.

Veja Mabel, de tão ridículo que é um negócio destes, que só dando risada. Agora, você se põe aqui em cima (alto) e aqui (*mais abaixo*) estão os terrestres, você conhecendo toda essa parte superior, desce ao planeta e fala assim: “Filhinhos, ‘amai-vos uns aos outros’ que vai dar tudo certo, que todo mundo ficará bem.” Os Filhinhos respondem: “Não, não.” Diante disso seria preciso ter uma “paciência de Jó” e até Jó cansou de tentar suportar algo assim, pois o conhecimento de um avatar é inimaginável. O avatar fala e cria; pensa e cria. Como naquelas histórias que se contam: “A água virou vinho”. É isso. Qual o problema da água virar vinho? Átomos, moléculas, *quarks*, prótons, etc., etc. A água é feita do que? Qual o problema em mudar a composição molecular daquela substância? Aquela substância é, em última instância, feita de consciência. O ser avatar, que é pura consciência, sabe disto e sabe que a consciência dele tem poder absoluto sobre a consciência de qualquer coisa. Então, o que ele faz? Ele pensa, deseja e pronto, cria. Basta um desejo dele para estar criado instantaneamente. É só isso. Porque não existe diferença alguma entre a consciência deste ser – vamos falar de outro jeito: não existe diferença entre o cérebro dele e a água que está neste copo (*aponta para a água que está dentro do copo sobre a mesa*). É uma coisa só. Isso aqui (*cérebro*) é pura consciência, ela (*água*) é pura consciência. Não há distância entre estas consciências; é um *continuum* só, uma única onda. Esta água é como se fosse um pedaço dele um prolongamento dele, como este dedo (*demonstra com o dedo mínimo*) é um prolongamento do meu peito. É uma coisa só. Então, quando eu penso “Quero que o dedo se mexa”, ele se mexe. O avatar sabe que a água é continuação dele. Ele fala, ele pensa: “Vinho” vira vinho; “Chumbo”, vira chumbo; “Passarinho”, vira passarinho; transforma qualquer coisa. Só não se faz isso (*aponta para o copo com água*) virar passarinho, porque vão falar “é mágica, é mágica!”. É preciso fazer o “milagre” até certo ponto para que este seja assimilável pelos humanos, pois caso se suba um pouco a mais, eles, ao invés de ouvirem, sentirão medo e o avatar já será cultuado como um deus a quem eles precisam aplacar para que não fique bravo. Se o avatar demonstrar poder um pouco além da capacidade de entendimento, o povo morrerá de medo. Qual é o objetivo? Para que eles possam aprender, é preciso que tenham amor. Teoricamente, eles têm que ter um bom sentimento em relação ao avatar; eles não podem sentir medo dele; precisam amá-lo. O avatar faz o máximo de bem possível para que possa existir esta consciência de amor, e para que as pessoas não se voltem contra ele nem fujam dele, pois é preciso haver diálogo para poder passar a mensagem e expandir a consciência das pessoas. Ele precisa medir bem o quanto de demonstração de força deve fazer para que não se repita o mesmo que ocorreu lá naquela ilha do Pacífico Sul na qual os militares americanos desceram, durante a Segunda Grande Guerra (1940/1945), com helicóptero, navios, bombas e etc., e, devido à demonstração de força que tais instrumentos conferiam a eles, um deles, desde então, passou a ser cultuado como um deus. Como será que era o armamento dos indígenas desta ilha? Pedras, pedaços de pau? Um

helicóptero seria realmente algo inimaginável. Diante disto pode-se dizer que eles amam este deus? Não, eles, na verdade, têm medo. Têm medo deste deus que é poderoso a tal ponto que eles nem conseguem nem conceber a força dele. Além disso, os americanos desceram como militares, e sabe-se que quando eles chegavam ao Pacífico, tomavam a ilha, tiravam todo mundo dela e colocavam em outro lugar. Estes eram os conquistadores que se apoderavam da ilha e transferiam todos os indígenas e, depois, bradavam: “A ilha é nossa. Vá morar em outro lugar”. E ali faziam uns experimentos, umas “bombinhas atômicas”, de hidrogênio. Eles punham lá uma bomba, ficavam bem distantes, explodiam a bomba e pulverizavam a ilha, isto é, desapareciam com a ilha. Houve ilhas no Pacífico que sumiram depois de algumas destas explosões uma vez que todo o terreno – a terra – da ilha desintegrou-se; os átomos da terra desintegraram-se; ali não há mais ilha alguma; a água cobriu tudo e acabou. Entenderam? Muitos países fizeram destas experiências lá no Atol de Mururoa, muitos fizeram, com bombas de hidrogênio. Quem quiser ver cenas destas experiências, assista ao filme **Godzilla**. A primeira cena do filme é a explosão de uma bomba de hidrogênio numa ilha no Pacífico, uma explosão real, e depois se desenvolve toda a história. Aquela radiação provocou uma mutação genética e gerou um ser enorme que sai vagando pelo mundo e etc., etc.

Prof. Hélio: **Godzilla**. Então, quem quiser ver uma boa explosão atômica, veja o início do filme. Imagine aquilo visto por um indígena que não tem a menor ideia de como é o mundo Ocidental. O que eles pensam daquilo? Só pode virar deus, não é mesmo? E guardadas as proporções há ainda a Estrela da Morte do **Star Wars**. Destroí-se o planeta inteiro assim (*num estalar de dedos*). O avatar não pode fazer muitas coisas, ele só pode ir até certo ponto, porque senão vai provocar medo nas pessoas.

Mabel: Essas são as provas que pediram ao Amit quando ele veio aqui? “Prove-me”. No fundo estavam pedindo pelos “milagres”.

Prof. Hélio: Exato.

Mabel: “O experimento é muito filosófico, eu quero ver na prática, uma materialização, alguma transformação, assim, muito grande, que faça com que eu acredite”. Está-se falando de pessoas simples, com pouco entendimento e que, por isso, acabam tendo medo. Mas e na classe média do planeta, nas pessoas intelectualizadas, se elas recebessem esses milagres, se elas presenciassem esses milagres, como elas se comportariam? Elas acreditariam, teriam medo? Elas tanto pedem por isso, mas por que isso não lhes é dado?

Prof. Hélio: Isto é dado! O pior de tudo é que isso é dado. Se a pessoa quiser assistir, tocar esse tipo de experimento como uma materialização, há muitos locais no planeta em que isso acontece. Em locais fechados, é claro – isso não é tratado como um circo – nos quais exista alguma religião, digamos, mais científica e as animistas que também tratam, usam esses experimentos, há este acesso dimensional aberto. Acontece nos Centros em que se queira fazer isto. Todo Centro que queira manipular a realidade dos dois lados, abrir um canal de comunicação e conversar livremente dos dois lados pode fazer. Não há problema algum; basta querer. Existem Centros que não querem fazer este tipo de experimento. No final do século XIX houve muito deste tipo de experiência: mesas que se levantavam no ar; mesas que davam pancada no chão; aquela Tábua Ouija; cordas que se entrelaçavam de uma forma impossível de se fazer nesta dimensão, então elas só poderiam ter sido entrelaçadas na outra. A corda era desmaterializada desse lado, ia para outra dimensão, lá se dava um nó e voltava para o lado de cá com o nó feito. Os físicos analisaram o experimento e chegaram à conclusão de que não existia forma de fazer aquele nó nesta dimensão, nesta terceira dimensão; só poderia ter sido feito do outro lado e sobrevivendo para cá. Há livros a venda sobre isso. Conchas de mar que se materializam em cima da mesa com o peixinho ainda nadando na concha e na água do mar. Algo instantâneo, tirado um pouquinho de lá e materializa aqui. E muitas outras coisas. Qual é então o problema para que não aceitem isso? Não há falta de provas. Ao contrário, há uma quantidade gigantesca de provas e acontecendo todo dia pelo planeta afora, pois existem estes Centros Espirituais espalhados por todo o planeta. Em todos os países existem destas culturas e nelas há pessoas que são canais, que têm esta habilidade e fazem este tipo de experimento. E o que ouvimos e vemos? Notamos alguma mudança em virtude disso? Nada, nada. As pessoas sabem, as pessoas veem, mas continuam no “Não aceito”. Elas continuam presas ao próprio ego, aos seus interesses particulares, econômicos, financeiros, materialistas, e...

Mabel: Porque, no fundo, elas precisam mudar, se elas aceitarem que esses milagres são reais.

Prof. Hélio: Exatamente.

Mabel: E, por falar nisso, não é fácil disfarçar os nossos interesses materialistas embaixo de uma religião?

Prof. Hélio: Isso é mais fácil ainda. Imagine você que com todas essas técnicas de lavagem cerebral que os norte-coreanos aplicaram – como já comentamos aqui – e com todos os trabalhos de

psicologia de vendas que existem publicados, como é fácilimo se vender qualquer tipo de ideia; fácilimo. Vocês viram que os dois atores vestidos de *Jedi* na Praça da Sé conseguiram arrecadar dinheiro para religião *Jedi* em minutos. Qualquer coisa pode ser vendida, tudo é um produto, basta colocar a roupagem adequada, a dialética, a retórica, a filosofia e a revelação X, o ser humano tem uma capacidade incrível de convencimento. É bom, mas também é um problema. Confia-se em tudo que se ouve sem fazer julgamento. Primeiro acredita e depois..., entendeu? É bom, mas se não se coloca a razão acima disso, fica-se sujeito a todo tipo de manipulação. Um caso famosíssimo, de uns vinte e poucos anos atrás, foi o do Jim Jones, nas Guianas. O sujeito propõe um suicídio coletivo e leva cerca de novecentas pessoas à morte. Por quê? Porque é o que precisa ser feito; é o que é correto; é o que vai agradar a Divindade, seja lá o que for. Hoje em dia, em 2012, pelo planeta afora, acontecem as mais terríveis barbaridades, em função de uma crença assim: “Os deuses querem”. Pronto, basta falar: “os deuses querem” que todo mundo se sujeita às piores aberrações possíveis. Basta falar isso: “Mas por que precisa ser assim?” “Porque os deuses querem” – é no plural – “Porque os deuses querem.” Fim. Não precisa explicar, raciocinar, não precisa, não precisa nada. Bastou falar isso, acabou. Isto é uma tremenda técnica de vendas. É simplesmente inacreditável o poder que tem essa explicação. Se se trocar a expressão “Porque os deuses querem” e puser outra coisa em cima, pode-se vender qualquer produto. Se levar um liquidificador e disser para a pessoa: “Você precisa comprar esse liquidificador”; a pessoa pergunta: “Mas por quê?” “Porque é o melhor aparelho que você terá na sua vida”. Ponto, a pessoa compra. Os manuais de psicologia de vendas, que estão disponíveis nas livrarias, relatam isso como sendo experiências, experimentos de psicologia prática. Eles relatam casos e mais casos como este que está sendo relatado aqui. Pode ser qualquer coisa. Basta usar a técnica correta e a venda é concretizada. Falando de outra maneira, são arquétipos. Aperta-se o botão, pula, aperta-se o botão, pula, aperta-se o botão, pula... Pode-se apertar o botão um milhão de vezes, pula um milhão de vezes. Nunca haverá um questionamento, nunca. É automático, basta apertar botão. É assustador quando se começa a estudar o funcionamento desta parte da psicologia de vendas. Não há margem de erro. No entanto, esta é outra questão. Quando o vendedor fala assim: “Eu não estou conseguindo vender”; isso é ridículo, entendeu? Isso na prática, significa o que? “Não sei vender”, é o que ele está falando. Porque a psicologia humana, o psiquismo humano já está tão decodificado que não há mais, literalmente, em termos práticos, mistério algum sobre o comportamento humano. Todas essas técnicas de comportamento são extremamente eficientes. Aperta-se o botão, faz; aperta-se, faz; aperta-se, faz. Não há a menor margem de erro. Só depende da intenção de quem está fazendo. Se a intenção for boa, positiva, benevolente, para o lado do bem, o resultado será bom. Mas se for manipulador, para o lado do mal... Vejam só o que aconteceu na Segunda Guerra Mundial. Há um exemplo recentíssimo de uma extrema capacidade de

entendimento da mente humana para fazer qualquer tamanho de população acreditar numa coisa e ir até às últimas consequências, por piores que sejam. E não vamos falar só de um lado. Isso era dos dois lados. Quando não se queria, não acontecia nada. Quando se quis, imediatamente. Não, esquece lado. É pura questão de técnica mental. A engenharia do consentimento, como nós fizemos a palestra. Como é que se cria o consentimento? Cria-se o consentimento para qualquer coisa. Então, nas religiões é a mesma coisa. Cria-se o deus Rambo e cria-se o consentimento dos indígenas ao deus Rambo.

Mabel: O cacique e o pajé têm interesses em comum?

Prof. Hélio: Com certeza. Essa é outra questão interessante. Se não houvesse convergência de interesses, não haveria possibilidade de o pajé divulgar qualquer filosofia que ele quisesse. Nós falamos agora há pouco da problemática que existe em se divulgar, por exemplo, o **Quem Somos Nós?** O pajé, agindo de comum acordo com o cacique, obtém as benesses e as facilidades que o cacique promove, para que, deste modo, o pajé espalhe por toda a tribo a concepção de vida que ele tem. Por outro lado, recebendo tal garantia do cacique, o pajé também fará de tudo para agradar as políticas que o cacique quiser implementar. Na verdade isto é simbiótico, não é? Se analisarmos a História da humanidade, de cinco, seis mil anos para cá, e lermos **As Máscaras de Deus**, de Joseph Campbell, em quatro volumes, nos quais ele fez uma profunda análise deste tipo de História da humanidade – todos os continentes, a maior parte de todas as raças, tribos, clãs, tudo – veremos que ele dissecou o assunto, é extraordinário. Ele é um dos maiores mitólogos da História da humanidade, mente brilhante que falava a verdade. Esta é, talvez, a melhor qualidade do Joseph Campbell: retratar “a vida como ela é”. Isto está bem no início do livro dele: “Eu vou contar como a vida é”, não na visão romântica. Todo esse “viajar na maionese”, como é que é. Então, eu recomendo que todas as pessoas do planeta Terra leiam os quatro volumes de **As Máscaras de Deus**, de Joseph Campbell.

Mabel: É isso, professor?

Prof. Hélio: É isso.

Mabel: Acredito que tenhamos passado alguns conceitos importantes sobre as religiões e esperamos que isso leve a muita reflexão para que não embarquemos nas crenças pura e simplesmente, e sim na vivência do espírito. Deus, a Divindade, deve ser sempre uma vivência pessoal, um experimento próprio, e nunca algo que seja trazido de fora e aceito sem nenhum questionamento, não é isso?

Prof. Hélio: É isso. Exatamente.

Mabel: Então, podemos encerrar aqui hoje. Até a próxima entrevista.

Prof. Hélio: Grande abraço a todos.